

Quando a obra ensina: entre paredes e saberes

Anderson Gusmão Andrade Dias

Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

andersongusmao1@gmail.com

Arquiteto e Urbanista

Especialista em Arquitetura e Design de Interiores e Projetos de Iluminação e Acústica

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

<https://orcid.org/0009-0000-5381-3791>

Quando a ideia deste escrito surgiu pela primeira vez, confesso que levei um susto silencioso. Tentei compreender os caminhos e as memórias que essa escrita parecia querer revelar e, pouco a pouco, percebi que ela já acontecia dentro de mim antes mesmo de ganhar palavras. Talvez por isso eu não tenha conseguido deixá-la de lado, pois havia algo nela que insistia em permanecer, como se certos acontecimentos da vida carregassem sentidos maiores do que aqueles que enxergamos à primeira vista.

E confesso que essa ideia nasceu muito das minhas relações com o cotidiano. Das relações com pessoas, com gente, com os encontros e interações que fazemos diariamente em lugares aparentemente comuns, mas que, sem percebermos, acabam também nos ensinando. Acho até que, para começo de conversa, talvez seja melhor contar o fato em si. Porque foi vivendo essa situação que comecei a compreender como determinadas questões vão surgindo, atravessando a gente e, aos poucos, se transformando em reflexão, inquietação e, mais tarde, em escrita.

Durante as fortes chuvas de fevereiro no sudoeste da Bahia, percebi que a água da chuva estava entrando pela parede da minha casa e escorrendo para o piso da cozinha, tornando a situação preocupante. Foi nesse contexto, entre as chuvas, as paredes molhadas e a chegada dos pedreiros para compreender o problema, que este texto começou a nascer.

Assim, em uma daquelas manhãs de sol que surgem depois de muitos dias de chuva, apareceu em minha casa seu Gazo¹. Pedreiro muito experiente, já com seus 68 anos (mas



carregava no corpo a resistência de quem aprendeu cedo que a vida exige firmeza), conhecido nas redondezas pela qualidade do trabalho e, principalmente, pela maneira respeitosa com que trata as pessoas (era um daqueles homens moldados mais pelo sol e pelo trabalho do que pelo tempo). Dessas figuras que parecem carregar consigo não apenas ferramentas, mas também histórias, memórias e uma espécie de sabedoria construída no correr da vida. Nordestino de fala arrastada, riso fácil e mãos calejadas, trazia no jeito simples uma sabedoria que escola nenhuma ensinava.

Supergentil, entrou em minha casa observando tudo com muita calma, tinha os olhos atentos de quem media tudo só de bater o olhar. Olhava as paredes, o chão, os cantos úmidos, passava a mão devagar sobre algumas partes da cozinha e parecia conversar silenciosamente com a estrutura da casa. Depois de um tempo, deu seu veredito: seria necessário quebrar a parede e também parte do chão para compreender de onde vinha aquela água e quais impactos ela já havia causado por dentro da estrutura.

Confesso que naquele momento levei outro susto, mas, enquanto eu tentava organizar minhas preocupações, seu Gazo explicava com tranquilidade as possíveis causas do problema e os cuidados necessários para evitá-lo. Embora suas palavras também me assustassem, havia nelas uma segurança serena, construída pela experiência e pela capacidade de transformar conhecimento em acolhimento.

Três dias depois, ele iniciou o serviço. Quebrou parte da parede, retirou o piso da cozinha e, pouco a pouco, foi identificando os problemas. E foi justamente nesse processo que algo começou a me chamar atenção. Quando chegou a hora de calcular o material necessário para o reparo, percebi que seu Gazo não utilizava caneta, lápis, papel ou qualquer tipo de anotação. Nada. Ele apenas olhava atentamente para o espaço, parava por alguns segundos, respirava fundo, apontava com os dedos, media certas partes com o palmo da mão e então começava a dizer, calmamente, aquilo que precisava ser comprado.

Não sabia explicar fórmula em papel, mas calculava prumo, nível, esquadro e quantidade de material com precisão admirável. Contava nos dedos, riscava números na



areia e dificilmente errava. Era homem de poucas palavras, chapéu gasto, camisa de manga comprida e passos tranquilos. Gostava das coisas certas: parede reta, serviço limpo e ferramenta guardada no lugar.

O mais impressionante era a precisão com que fazia tudo aquilo mentalmente. Não havia pressa. Havia experiência. Havia raciocínio. Havia uma matemática construída no cotidiano, no trabalho, na necessidade, nas muitas casas levantadas e reconstruídas ao longo da vida. Uma matemática que não nascia apenas dos números escritos no papel, mas da observação, da memória, da estimativa e da relação prática com o mundo.

E ele sempre repetia uma frase que ficou ecoando em mim:

— Preste atenção: a gente compra para não faltar, mas também para não desperdiçar.

Naquele instante, sem que talvez ele próprio percebesse, seu Gazo me dava uma aula. Não apenas sobre construção, paredes ou infiltrações. Mas sobre medidas, cálculos, planejamento e, principalmente, sobre responsabilidade no uso daquilo que retiramos da natureza. Porque calcular ali não significava apenas saber quanto material comprar. Significava também evitar excessos, reduzir desperdícios e compreender que toda sobra carrega consigo água, areia, madeira, esforço humano e recursos naturais.

Os dias foram passando e a obra seguia quase como um ritual: entre cimento, cordas, medidas e cálculos, havia precisão nos gestos e conhecimento nas práticas, mesmo utilizando ferramentas simples. Foi nesse cotidiano que comecei a perceber como a matemática habita os ofícios e os espaços da vida, revelando também um cuidado com os recursos da natureza, com a água, a madeira, a terra e tudo aquilo que fazia parte da construção daquele lugar.

Havia, sem que talvez eles próprios nomeassem dessa maneira, uma preocupação ambiental atravessando cada decisão tomada na obra. O cálculo do material não era somente uma questão de economia financeira; era também uma forma de evitar desperdícios, reduzir entulhos e utilizar apenas aquilo que realmente fosse necessário. E foi



observando aquelas práticas simples, cotidianas e cheias de experiência que comecei a compreender que a matemática também pode ser uma maneira de se relacionar com o mundo, com os recursos naturais e com as formas de cuidado que desenvolvemos na vida diária.

E a obra seguia.

Até que, em uma dessas manhãs, comecei a olhar para o material restante e senti uma certa preocupação. Na minha cabeça, o quantitativo já parecia insuficiente para o tanto de serviço que ainda faltava fazer. Observava os sacos diminuindo, a areia quase no fim, alguns materiais já bastante reduzidos, enquanto a obra ainda parecia estar longe de terminar.

Então resolvi perguntar:

— Seu Gazo, vai precisar comprar mais material? Porque, sinceramente, estou vendo que a obra ainda está pela metade e quase tudo já acabou.

Ele parou por alguns segundos, olhou para mim e abriu um sorriso tranquilo, daqueles de quem parece já ter visto esse tipo de preocupação muitas vezes na vida.

— Não. Fique tranquilo, professor. Eu sei o que estou fazendo. Esse material vai dar conta e ainda vai sobrar. Você vai ver. A matemática que o senhor usa não é a minha matemática. A minha matemática é uma matemática da prática. Lá vem o senhor com suas contas achando que vai faltar alguma coisa...

Confesso que achei aquela fala profundamente curiosa.

Talvez porque aquela fala tenha mexido comigo de uma forma que, naquele momento, eu ainda não conseguia explicar completamente. Fiquei pensando no peso daquela afirmação. Na segurança com que ele falava. Na experiência que sustentava cada cálculo mental, cada medida feita com os olhos, com as mãos e com a vivência acumulada ao longo dos anos.

Para seu Gazo, o desperdício estava muito ligado à ideia de prejuízo financeiro; ele dizia frequentemente que desperdício era dinheiro jogado fora. No entanto, enquanto eu



escutava suas falas e observava suas práticas, fui percebendo que havia ali algo ainda maior. Não se tratava apenas de dinheiro, mas também da areia retirada da natureza, da água utilizada na mistura, da madeira, do esforço humano e dos recursos consumidos ao longo da obra. Aos poucos, compreendi que aquela experiência dentro da minha casa também me ensinava sobre cuidado ambiental, não a partir de grandes discursos, mas da prática cotidiana e da consciência de que desperdício afeta não apenas o bolso, mas também os recursos, os espaços e a própria vida.

Talvez seu Gazo nem percebesse completamente a dimensão ambiental do que ensinava, mas sua experiência de vida revelava uma sabedoria construída no fazer. Sem falar em sustentabilidade ou consumo consciente, ele acabava ensinando justamente sobre tudo isso. Foi ali que comecei a compreender a força da transdisciplinaridade presente na vida cotidiana, pois aquelas conversas deixavam de ser apenas sobre uma reforma e passavam a envolver matemática, educação ambiental, trabalho, consumo, experiência e modos de viver no mundo. Havia uma matemática viva e uma educação ambiental nascidas da prática, do olhar atento aos recursos utilizados e da compreensão de que tudo aquilo que retiramos da natureza exige responsabilidade e cuidado.

E foi então que compreendi algo que talvez a pressa do mundo moderno, tantas vezes, nos faça esquecer: não são robôs ainda que movimentam as ferramentas nas obras. A mão da obra tem voz e ensinamento (Zonis, 2024).

Referência:

ZONIS, Shirlei. *As mãos da obra: histórias e reflexões de uma arquiteta no canteiro*. São Paulo: Olhares, 2024.



Quando a obra ensina: entre paredes e saberes

When the construction site teaches: between walls and knowledge

Cuando el trabajo enseña: entre muros y conocimiento

Resumo

O texto narra como uma infiltração causada pelas fortes chuvas no sudoeste da Bahia deu origem a reflexões sobre cotidiano, matemática e cuidado ambiental. A partir da convivência com seu Gazo, pedreiro experiente e sábio em suas práticas, o autor percebe uma matemática construída na experiência, nos cálculos mentais e na relação concreta com o trabalho. As conversas e decisões durante a obra revelam preocupações com desperdício, uso responsável dos recursos naturais e sustentabilidade, mesmo sem discursos formais sobre o tema. Assim, a experiência cotidiana transforma-se em aprendizado transdisciplinar, envolvendo matemática, educação ambiental, memória, trabalho, consumo e modos de viver no mundo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Matemática do Cotidiano. Experiência. Memória Saberes da prática.

Abstract

The text narrates how a leak caused by heavy rains in southwestern Bahia gave rise to reflections on everyday life, mathematics, and environmental care. Through living alongside Mr. Gazo, an experienced bricklayer whose wisdom was grounded in practice, the author comes to recognize a form of mathematics built through experience, mental calculation, and a concrete relationship with work. The conversations and decisions made during the construction process reveal concerns about waste, the responsible use of natural resources, and sustainability, even without formal discussions on these subjects. Thus, everyday experience becomes a transdisciplinary learning process involving mathematics, environmental education, memory, work, consumption, and ways of living in the world.

Keywords: Environmental Education. Everyday Mathematics. Experience. Memory. Practical Knowledge.

Resumen

El texto narra cómo una filtración causada por las fuertes lluvias en el sudoeste de Bahía dio origen a reflexiones sobre la vida cotidiana, las matemáticas y el cuidado ambiental. A partir de la convivencia con el señor Gazo, albañil experimentado y sabio en sus prácticas, el autor percibe una matemática construida desde la experiencia, los cálculos mentales y la relación concreta con el trabajo. Las conversaciones y decisiones durante la obra revelan preocupaciones por el desperdicio, el uso responsable de los recursos naturales y la sostenibilidad, incluso sin discursos formales sobre el tema. Así, la experiencia cotidiana se transforma en un aprendizaje transdisciplinario que involucra matemáticas, educación ambiental, memoria, trabajo, consumo y modos de vivir en el mundo.

Palabras clave: Educación Ambiental. Matemáticas Cotidianas. Experiencia. Memoria. Saberes de la práctica.

